

CRÔNICA

Cláudio Ferreira • claudioferreira_64@hotmail.com



Saudades, mas sem exageros

Transpor a barreira dos 60 anos, coisa que fiz há pouco mais de um mês, parece que nos “autoriza” a ter mais saudades. Essa liberdade é importante: recordar não é pecado, valorizar o caminho percorrido é importante, só não acho inteligente ficar cristalizado nele e não estar disponível para as novidades do resto da estrada.

Tenho muitas saudades do que já vivi no contato mais estreito com a cultura e o entretenimento, como repórter da área e como público/admirador. Fui estimulado desde criança a gostar de música, fiz teatro na adolescência, comecei a cantar em coral na universidade e a arte, em geral, me mobiliza bastante.

Infelizmente, algumas coisas já não são mais possíveis de usufruir. Sou, por exemplo, um “viúvo” do CD. Desde o vinil, aliás, minha experiência com a música não se resumia a ouvir. Disco novo na mão — seja qual fosse o formato — me obrigava a admirar a capa por algum tempo e escanear o encarte com os olhos, procurando

nomes familiares nas fichas técnicas, letras e autoria das canções. A criatividade dos designers me encantava, era uma espécie de aquecimento para o que eu iria escutar depois.

Confesso que ainda não fui para as plataformas musicais e estou em um hiato tecnológico. Música, hoje em dia, só pelas emissoras de rádio. Já prometi a mim mesmo quebrar a resistência tecnológica para voltar a fazer da escolha musical meu esporte preferido. Por enquanto, aceito as sugestões dos programadores musicais das emissoras e me delicio com as surpresas ao longo do trajeto com o carro.

Também ainda não adquiri o hábito de



“maratonar” séries, esse sim, quase um esporte nacional. Sou do tempo em que a série fazia jus ao nome e nos fazia esperar pelo episódio seguinte. Estou quase sucumbindo ao streaming, mas, creio eu, vou continuar assistindo a, no máximo, dois episódios por vez.

Estou é com saudades da tela grande, não entro em um cinema desde o isolamento social imposto pela pandemia. Sou um fanático pela magia da sala escura — prezo muito a liberdade de desligar o celular e mergulhar no mundo da ficção, do documentário ou do que

quer que seja por duas horas e esquecer o mundo lá fora. Nesse caso, é puro problema de incorporar novamente esse hábito à agenda e rezar para que os outros também desliguem o celular durante a sessão.

Também estou voltando aos shows aos poucos. Só vejo que já não é mais possível aproveitar a chance de ter seu artista do coração em uma performance ao vivo sem alguns incômodos. Um deles é driblar as dezenas de celulares do público que vai ao show não para usufruir da experiência, mas para mostrar que foi para um evento social e precisa postar a “prova”.

Isso fora aqueles que insistem em cantar mais alto do que o seu ídolo, fazendo a gente pagar um ingresso nem sempre barato para ouvir um campeão de desafinação ao lado. Ou as duas pessoas que estão mais interessadas na sexualidade do cantor ou no figurino da intérprete do que no momento musical.

Será que os 60 anos me trouxeram uma carga excessiva de “ranzinzice”? Eita! Preciso procurar uma aula de pilates para flexibilizar também as opiniões? Não sei. Nossa relação com entretenimento e cultura está mudando com velocidade espantosa — dos passeios virtuais aos museus à arte da periferia que, para nossa sorte, têm chegado mais perto. Vou me reprogramar para este mundo novo.